

# Trajetórias de leitura e produção dialógica de sentidos sobre corpo, gênero e sexualidade

Reading trajectories and the dialogic production of meanings about body, gender, and sexuality

Ismael Soares PEREIRA\*  
Maria da Penha CASADO ALVES\*\*

**RESUMO:** Neste artigo, que recortamos de um projeto de pesquisa mais amplo, propomos refletir sobre as contribuições da leitura para os percursos vitais de sujeitos pertencentes aos grupos LGBTQIAPN+. Em linhas gerais, interessa-nos problematizar como a prática dialógica de leitura lhes oferece margem para posicionar-se responsivamente em relação aos discursos hegemônicos normativos, e assim elaborar sentidos para si, para quem são, para o que lhes acontece no mundo enquanto pessoas que não se identificam com a matriz binária e heterossexual. Fazemos essa discussão a partir dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011; 2013; 2015; 2016; 2017; Volóchinov, 2018), considerando sobretudo as concepções de linguagem em perspectiva dialógica, de enunciado concreto e de vozes sociais. Aliás, com base na cosmovisão bakhtiniana, adotamos no tratamento analítico dos dados uma abordagem ativo-dialógica, o que, por outras palavras, significa dizer que assumimos como coautoras de todo conhecimento que aqui se produz as vozes dos sujeitos que vivenciam as práticas sociais tematizadas em nosso objeto de estudo. Nessa direção, o trabalho se alinha à dimensão ética e politicamente engajada da Linguística Aplicada, na medida em que se compromete a ponderar sobre problemas da vida social, dando relevância aos dizeres das pessoas que os vivenciam (Moita Lopes, 2006; Rajagopalan, 2006). Além disso, mobiliza um debate a respeito da relação entre linguagem e identidades. Em termos metodológicos, trata-se de um estudo de caráter qualitativo-interpretativista, guiado pelo paradigma indiciário (Ginzburg, 1989), cujo corpus compreende fragmentos de diálogos de três sujeitos, gerados a partir de entrevistas. Nossos resultados apontam que os gestos de leitura dos sujeitos em alguma medida lhes ajudaram a estar mais preparados para enfrentar o embate discursivo que se instaura em torno do corpo, do gênero e da sexualidade, e, ademais, evidenciam que as narrativas sobre trajetórias leitoras constituem uma importante fonte de dados para se compreender processos de construção de posicionamentos ideológico-identitários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trajetórias de leitura. Corpo. Gênero. Sexualidade. Análise Dialógica do Discurso.

\*Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, RN – Brasil. [ismael.soares@ufrn.br](mailto:ismael.soares@ufrn.br)

\*\*Doutora em Comunicação e Semiótica pela Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN - Brasil. [penhalves@msn.com](mailto:penhalves@msn.com)

**ABSTRACT:** In this article, excerpted from a broader research project, we propose a reflection on the contributions of reading to the life trajectories of individuals belonging to LGBTQIAPN+ groups. Broadly speaking, our interest lies in problematizing how the dialogic practice of reading offers them a space to position themselves responsively in relation to normative hegemonic discourses, thereby constructing meanings about themselves, who they are, and what happens to them in the world as people who do not identify with the binary and heterosexual matrix. This discussion is grounded in the theoretical assumptions of the Bakhtin Circle (Bakhtin, 2011; 2013; 2015; 2016; 2017; Volóchinov, 2018), particularly considering the notions of language from a dialogic perspective, concrete utterance, and social voices. Furthermore, based on the bakhtinian worldview, we adopted an active-dialogic approach to the analytical treatment of the data, which, in other words, means acknowledging as co-authors of all knowledge produced herein the voices of the subjects who experience the social practices addressed in our object of study. In this sense, the work aligns with the ethically and politically engaged dimension of Applied Linguistics, insofar as it is committed to reflecting on problems of social life, giving relevance to the words of those who experience them (Moita Lopes, 2006; Rajagopalan, 2006). In addition, it fosters debate on the relationship between language and identities. Methodologically, this is a qualitative-interpretative study, guided by the evidential paradigm (Ginzburg, 1989), whose corpus comprises excerpts of dialogues from three participants, generated through interviews. Our results indicate that, to some extent, the participants' reading practices helped them to be better prepared to face the discursive disputes surrounding body, gender, and sexuality. Moreover, they reveal that narratives about reading trajectories constitute an important source of data for understanding processes of constructing ideological-identity positions.

**KEYWORDS:** Reading trajectories. Body. Gender. Sexuality. Dialogic Discourse Analysis.

Artigo recebido em: 15.08.2025  
Artigo aprovado em: 09.10.2025

## 1 Introdução

Na década de 1920, Bakhtin e os demais estudiosos de seu Círculo<sup>1</sup> construíram sofisticadas reflexões acerca do que se convencionou chamar de teoria dialógica da linguagem. Para esse grupo de pensadores, a linguagem é um fenômeno inelutavelmente social que se realiza no enunciado concreto. Isso significa dizer que o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva (Bakhtin, 2016). E, portanto, a palavra concreta, a palavra enquanto enunciado, circula na vida não como código

---

<sup>1</sup> Desse grupo de intelectuais russos, interessa-nos especialmente as reflexões produzidas por Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov.

gramatical reiterável, mas como produto das relações intersubjetivas entre sujeitos socialmente organizados.

Do ponto de vista do próprio Bakhtin (2015, p. 57): “É como se a palavra vivesse na fronteira do meu contexto e do contexto do outro”. Nessa linha, não existe prática de linguagem, ou seja, modos de uso da palavra concreta, fora do plano de fundo dialógico. Todo e qualquer signo verbal com o qual travamos contato está saturado de avaliações prévias, de posicionamentos ideológicos que esperam de nós uma compreensão responsiva ativa: “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (Bakhtin, 2016, p. 24-25).

Este artigo se vale desse pensamento bakhtiniano para tentar discutir o papel da leitura, enquanto acontecimento dialógico, nas trajetórias vitais de sujeitos pertencentes aos grupos LGBTQIAPN+<sup>2</sup>, ou melhor, nos processos sócio-históricos de construção e reconstrução de suas posições ideológico-identitárias<sup>3</sup>.

Interessa-nos mostrar como a relação com a leitura pode ajudar sujeitos que não se identificam com a matriz binária e heterossexual a construir sentidos para si, para aquilo que pensam, que sentem, que falam, que desejam – enfim, para o que lhes acontece no mundo em razão da performatividade de seus corpos. Por outros termos: interessa-nos observar em que medida essa relação lhes ajudaram a subverter os papéis ideológico e culturalmente preestabelecidos para seus corpos, ou, mais precisamente, a elaborar palavras responsivas contrapontísticas aos discursos hegemônicos e reguladores em torno do corpo, da sexualidade e do gênero, e assim se tornar quem são hoje.

---

<sup>2</sup> Esta sigla abrange pessoas que são lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não-binárias e mais.

<sup>3</sup> Entendemos como posições ideológico-identitárias o conjunto de posicionamentos e acentos valorativos construídos dialogicamente, mediante a relação eu-outro, que de alguma maneira marcam quem somos e a quais grupos sociais buscamos pertencer.

Para tanto, partimos de entrevistas que fizemos com três estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nas quais se tomou como objeto de pesquisa as avaliações sociais expressivamente entonadas por eles acerca de suas práticas de leitura, de seus percursos leitores.

O trabalho justifica-se, primeiro, pela oportunidade de dar protagonismo a sujeitos cujos posicionamentos identitários dissonantes das normativas de gênero os colocam em um lugar de invisibilidade histórica e, segundo, pela possibilidade de compreender como a leitura e a cultura letrada estão implicadas na construção dessas identidades de gênero.

Trata-se, na realidade, de um recorte da tese de doutorado de um dos autores, ou melhor, de um desdobramento que foi reestruturado analiticamente. Aliás, a fundamentação das análises aqui tecidas, como se depreende, acontece a partir dos pressupostos teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin, ancorando-se especialmente nos conceitos de enunciado concreto e vozes sociais, os quais serão comentados na seção seguinte.

## 2 Ler a partir da perspectiva dialógica: enunciado e vozes sociais

O léxico que nomeia as formulações teóricas do pensamento bakhtiniano designa, na maior parte dos seus termos, um processo de construção da realidade social que acontece não de outra forma senão a partir do sujeito e de suas inter-relações discursivas. Dentre esses termos, gostaríamos de refletir especificamente acerca das noções de enunciado e voz, as quais costumam articular-se em suas acepções. E, para começar, temos estas palavras proferidas pelo próprio Bakhtin (2016, p. 16-17): “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.

Dir-se-ia nessa citação que Bakhtin postula a estreita relação entre enunciado e vida. Para ele, o enunciado, como a vida, é sempre um acontecimento dialógico – é algo que se dá na fronteira de, ao menos, duas consciências, de dois centros de valor:

o eu e o outro. Por isso, porque emerge necessariamente da comunicação entre sujeitos situados em determinados momentos históricos e sociais, o enunciado concreto, ou a palavra viva, ou o signo ideológico, nunca nos chega como um elemento neutro, liso, sem manchas nem marcas subjetivas. Muito pelo contrário: todo enunciado que adentra em nosso campo perceptivo, adentra enquanto matéria sínica pejada de conteúdo semântico-ideológico do outro, de valorações prévias, de vozes alheias. E isso significa dizer que o despertar de quem somos – tudo aquilo que pensamos, que sentimos, que falamos, que queremos – se dá “em um mundo de palavras dos outros” (Bakhtin, 2015, p. 139).

Por outro lado, quando assimilamos o discurso do outro, não o assimilamos em seus tons exatos e infalíveis, mas segundo nossa própria compreensão responsiva. Desta feita, sempre que o reaplicamos em um novo contexto, reelaboramos seus sentidos. Daí que o componente a impulsionar esse processo de assimilação da palavra outra e produção da nossa própria palavra é a tensão. A tensão entre vozes, entre ideias e opiniões é o motor da (re)ação responsiva do sujeito; portanto, é uma característica intrínseca do enunciado. Um enunciado somente se constitui mediante o tenso contato com outros enunciados, e a cada vez que enunciamos algo, a cada vez que reagimos responsivamente a algo, estamos a participar, com todo o nosso ser, com todas as nossas convicções éticas, morais e valorativas, desta tensa cadeia dialógico-discursiva que consiste a vida. Falando a esse respeito, Bakhtin (2013, p. 331) diz assim:

Em tudo através do que o homem se exprime exteriormente (e, por conseguinte, para o outro) – do corpo à palavra – ocorre uma tensa interação do eu com o outro: luta entre os dois (luta honesta ou impostura mútua), equilíbrio, harmonia (como ideal), desconhecimento ingênuo de um a respeito do outro, ignorância mútua deliberada, desafio, não reconhecimento [...] etc. (Bakhtin, 2013, p. 331).

E Casado Alves endossa essa reflexão assim:

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas: tonalidade de expressão, tonalidade de sentido, tonalidade de estilo, tonalidade de composição. Sem considerar essas tonalidades dialógicas é impossível compreender o estilo de um enunciado: as nossas ideias (filosóficas, científicas, artísticas, acadêmicas) nascem e se formam no processo da interação e luta com os pensamentos dos outros e isso encontra reflexo nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (Casado Alves, 2016, p. 165).

Como se depreende, expressar um enunciado no mundo exterior não significa simplesmente soltá-lo ao nada; pois ele sempre encontrará um destinatário com quem poderá estabelecer, de forma tensa é claro, relações dialógicas, sempre encontrará uma consciência outra na qual poderá penetrar profundamente ou, ao menos, beliscar. E ao ser ativamente assimilado por um sujeito que é, ao mesmo tempo, ouvinte e falante, destinatário e autor de seus próprios atos responsivos, o enunciado externalizado “desperta[rá] o pensamento independente e uma nova palavra independente” (Bakhtin, 2015, p. 140), isto é, suscitará uma nova resposta que será também uma nova ação.

Até aqui, o enunciado enquanto tensão entre centros de valor. Conforme veremos agora, é nessa mesma direção que Bakhtin nos apresenta sua concepção de voz. Não é desde o ponto de vista biológico que o conceito de voz interessa a Bakhtin, e sim desde o ponto de vista social. Para esse pensador, assim como o enunciado, a voz tem a ver com uma tomada de posição. Ou seja: com os posicionamentos que assumimos no mundo, vale dizer, nas diversas situações de interação dialógica que participamos ao longo de nossa existência histórica.

Trata-se, pois, de uma convicção, de um horizonte valorativo específico, de um ponto de vista construído no tempo e no espaço com alguém e para alguém. Assim, da nossa voz, em negociação com outra voz – a voz daquele a quem se pode chamar de *tu* –, soa o sentido daquilo que somos, daquilo que sentimos e pensamos, daquilo que nos acontece e que fazemos acontecer. E, consoante Sobral e Giacomelli (2018, p. 18-19): “Negociar aqui não significa ‘fazer negócios’ nem ceder ou fazer que o outro ceda

de alguma maneira ilegítima, mas articular o possível a partir da situação concreta de contato com o outro”.

Se a voz é “a fonte de um sentido personalizado” (Bubnova, 2011, p. 274), se nela habita o sujeito munido de vontade responsiva, o ser ético, fiador de seu dizer, de sua avaliação, então, à semelhança do enunciado, ela surge como contraponto a um canto anterior e, por sua vez, gera novos cantos. Nesse caso, importa não apenas o que se diz, como também o modo como se diz: a entonação que se emprega. O tom determina os contornos das relações semântico-axiológicas que estabelecemos com as coisas do mundo e com as gentes que habitam o mundo (a ênfase define se tal palavra acerca de algo ou de alguém é de amor ou de ódio, de respeito ou de achacamento, de admiração ou de desprezo). A voz, ou o tom da voz, dá vida à palavra, a embebe de sentido, a transpõe do sistema linguístico impessoal e genérico para a integridade concreta e personalística do enunciado.

Poderíamos dizer, portanto, que são as vozes, submersas na comunicação dialógica, pejadas de compreensões, de prismas semânticos e axiológicos, que movem a realidade e nos movem na realidade, alterando nem tanto a natureza física da realidade, senão a forma como experienciamos a realidade. A voz, anuncia Bakhtin (2017, p. 71), “muda o sentido total do acontecimento e da realidade sem lhes mudar uma vírgula na composição real (do ser); tudo continua como antes mas adquire um sentido inteiramente distinto (a transfiguração do ser centrada no sentido)”. Aliás, sob esse ângulo de visão, uma realidade estática, uma existência absoluta, parece algo inconcebível, posto que não somos sujeitos concluídos de uma vez para sempre, ou autossuficientes, ou fechados em nossa própria consciência.

Na existência como evento, estamos sempre abertos ao acontecimento, ao porvir; estamos sempre por se constituir, vindo a ser pelos discursos que emanam das vozes alheias sem, no entanto, jamais alcançarmos um acabamento definitivo – uma vez que o diálogo entre a multiplicidade de vozes que preenchem o mundo e nos rodeiam e nos afetam (e são por nós afetadas) nunca se encerra. Na existência como

evento, estamos sempre iluminando a cabeça do outro e sendo por ela iluminada. Despertando-a e sendo por ela despertada.

Bakhtin (2011, p. 312) afirma que “O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial)” – e, acrescentamos, ele o faz, precisamente, porque tem voz. Ora, a voz é o meio que conecta nossa existência corporal, finita e única, à realidade circundante; a voz materializa e liga, através da expressividade, através do tom, nosso pensamento e nosso corpo – ou seja, nossa vida – ao mundo da vida, ao mundo da vida tangível, da vida vivida entre sujeitos concretos, de carne e osso.

Portanto, diante de tudo isso que foi dito, se reivindicamos uma concepção de leitura enquanto prática dialógica é porque, a nosso ver, o gesto de ler não apenas enseja o encontro com a palavra do outro que vive dentro e fora de nós, com o enunciado do outro que vive dentro e fora de nós, com a voz do outro que vive dentro e fora de nós, mas, ao proporcionar isso, estimula uma reflexividade capaz de abalar nossas convicções, de estremecer nossas vontades e nossos saberes, de despertar novas maneiras de ser, de agir, de se posicionar – enfim, de viver.

### 3 Nas trilhas da pesquisa: um recorte metodológico

A pesquisa de doutorado da qual recortamos este artigo é uma investigação de natureza qualitativa-interpretativista, com abordagem sócio-histórica, guiada pelo paradigma indiciário proposto por Guinzburg (1989). Em se tratando do método indiciário, Guinzburg (1989) orienta que o pesquisador esteja atento, durante sua interpretação analítica do corpus, não apenas aos elementos notadamente visíveis, como também aos menos evidentes, aos indícios e às pistas que ali se podem encontrar. Para Guinzburg (1989), ao rastrear os pormenores, isto é, os dados aparentemente negligenciáveis, o pesquisador é capaz de construir uma interpretação complexa da realidade investigada, mesmo não a tendo vivenciado diretamente.

Guinzburg (1989) demonstra a aplicação do método indiciário a partir de Giovanni Morelli, de Sherlock Holmes e Sigmund Freud. Morelli, enquanto historiador da arte, desenvolveu um método preciso de atribuição de autoria a quadros antigos, no qual se focava em elementos negligenciados pelos copistas, como lóbulos de orelhas, dedos, unhas, entre outros. O detetive Holmes, por sua vez, reconstrói e desvenda cenas de crimes seguindo indícios. Freud, finalmente, encontrou no método morelliano as bases para sua psicanálise, para sua estratégia de interpretação dos sonhos. Em relação aos três casos, diz Guinzburg (1989, p. 150): “pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)”.

Mas é na arte da caça que se assenta as raízes mais antigas do método indiciário: “O caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos” (Guinzburg, 1989, p. 152). Por isso, a postura de quem se propõe a seguir esse método deve ser semelhante à de um caçador: se quiser alargar os sentidos dos dados, o pesquisador deve aguçar sua intuição e seu faro diante deles.

Isso implica, dentre outras coisas, não desprezar o contexto ideológico-cultural dos envolvidos, o que, por outros termos, significa dizer que nossas análises precisam considerar, de um lado, o horizonte valorativo de onde produzimos nossos enunciados e, de outro lado, o horizonte dos sujeitos com quem enunciamos. Afinal, evocando agora o pensamento bakhtiniano, não é com a coisa morta e sem voz que nós trabalhamos, mas com o “ser expressivo e falante” (Bakhtin, 2017, p. 59, grifos do autor), com sujeitos que respondem, que expressam posicionamentos, valorações, julgamentos. Sendo assim, as inteligibilidades produzidas em torno dos nossos dados e do nosso objeto de análise são fruto nem tanto da intervenção unilateral dos pesquisadores, senão da comunicação discursiva entre estes e os sujeitos da pesquisa – e a isso nomeamos de abordagem ativo-dialógica ou, consoante Silva (2024),

polifônica, na medida em que nenhum sentido é elaborado de forma monológica, mas pela combinação de uma pluralidade de vozes equipolentes.

Se, por um lado, esse ato responsivo de produção de inteligibilidades, ou melhor, se esse procedimento analítico-interpretativo do *corpus*, não se deu, nem se pode dar, a partir do uso de categorias conceituais fixas, posto que isso seria um contrassenso em se tratando da abordagem a qual nos filiamos; por outro lado, é certo que, a fim de promover uma ampla compreensão acerca do evento da palavra concreta que nos propomos a estudar, seguimos algumas diretrizes metodológicas de observação, articuladas nos seguintes eixos: (a) **enunciativo-ideológico**, que consiste na ausculta das vozes sociais ou dos discursos hegemônicos que dialogam com os enunciados de nossos sujeitos, bem como da responsividade destes em relação àqueles; (b) **semântico-contextual**, que se refere aos sentidos mobilizados pelos sujeitos num determinado contexto discursivo, como os sentidos de leitura, de corpo, de gênero, entre outros; e, finalmente, (c) **axiológico**, que diz respeito às avaliações valorativas e aos posicionamentos expressivamente entonados pelos estudantes em seus discursos.

Vale frisar que nosso fazer científico ancora-se numa concepção de Linguística Aplicada (LA) que advoga pelo comprometimento ético e político-ideológico do pesquisador em relação às pessoas que vivenciam as práticas sociais por ele estudadas (Moita Lopes, 2006; Rajagopalan, 2006). Segundo Moita Lopes (2009, p. 22), no campo da LA “é crucial pensar formas de fazer pesquisa que sejam também modos de fazer política ao tematizar o que não é tematizado e ao dar voz a quem não tem”. Por isso, consideramos necessário trazer para o plano do visível as compreensões, os posicionamentos e os juízos de valor de sujeitos historicamente silenciados, discriminados e excluídos da sociedade. Por isso, elegemos para análise, como já se disse, as vozes de três estudantes da UFRN pertencentes aos grupos LGBTQIAPN+, que têm sido alvo constante das opressões de gênero e sexual.

Ora, se os corpos e os modos de ser das pessoas LGBTQIAPN+ são frequentemente colocados em um lugar de opressão, de marginalidade e de violência é porque não se encaixam na lógica binária e heteronormativa dominante. Santos (2007) tem utilizado a metáfora do pensamento abissal para debater a questão da invisibilidade desses grupos socialmente excluídos e tornados sem valor. Marcado pela colonialidade, o pensamento abissal, de acordo com o autor, projeta para este lado da linha que divide o mundo as vozes e as axiologias hegemônicas, e, ao mesmo tempo, empurra para o outro lado da linha, para o lado da exclusão e da invisibilidade, todas as formas de pensar, de sentir, de falar, de agir socialmente valoradas como desviantes, como anormais, como antinaturais.

Então, ao problematizar os processos de construção identitária desses sujeitos impelidos para o outro lado da linha abissal a partir das valorações que atribuem às suas práticas de leitura, traremos à luz suas histórias, suas vozes e seus modos de ser e de agir valorativamente no mundo. A construção de tais dados se deu mediante entrevistas, as quais foram gravadas e, posteriormente, transcritas, respeitando ao máximo a estrutura linguístico-discursiva dos enunciados dos sujeitos.

Seguindo os preceitos do Comitê de Ética e Pesquisa da UFRN, que nos atestou um parecer de aprovação sob o nº 50941621.1.0000.5537, todos os participantes foram informados sobre os objetivos, a importância, os benefícios e os possíveis riscos da pesquisa, e tiveram de confirmar sua participação por meio da assinatura do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE). Além disso, o anonimato foi algo a ser assegurado aos sujeitos. Por isso, omitimos os dados de suas falas que, porventura, pudessem identificá-los e resolvemos manter os pseudônimos atribuídos a eles na pesquisa de doutorado, embora, como já pontuamos, as análises dos enunciados que faremos a seguir tenham passado por uma reestruturação, com novas perspectivas interpretativas.

#### 4 Escutando vozes: análise e discussão dos dados

Gostaríamos de começar evocando brevemente memórias e, consequentemente, valorações acerca dos acontecimentos que marcaram os contatos iniciais dos sujeitos com a leitura. Primeiramente, temos Kim, uma jovem de 24 anos, estudante do curso de graduação em Biblioteconomia, que se identifica como pessoa não-binária<sup>4</sup>. Kim avalia que, desde a infância, o incentivo à leitura era algo constante em sua casa:

##### **Fragmento 01**

Meus pais sempre incentivaram muito a gente a ler e a estudar... Meus pais eram funcionários da UFRN; então eles sempre falaram muito pra gente fazer faculdade, principalmente porque eles não tiveram oportunidade quando tinham nossa idade. A minha mãe terminou o ensino médio dela aqui na UFRN também porque ela era funcionária. Então, assim, em relação a estudo, sempre foi uma coisa de muito incentivo, eles [meus pais] sempre incentivaram muito. (Kim).

Nessa linha, Amara, uma mulher transgênero de 22 anos que também estuda Biblioteconomia, assim como Kim, acentua o papel da família em sua formação leitora:

##### **Fragmento 02**

Eu lembro... Assim, o primeiro livro que eu lembro de ter pego foi quando eu tinha... acho que três pra quatro anos, que era um livro bem grandão assim, que ele tinha vários contos de fadas, sabe? Tipo, da Disney. Pinóquio. A Pequena Sereia. E era um livro ilustrado. Eu lembro de várias noites meu pai lendo pra mim, sabe, antes de dormir. E essa primeira memória, assim, que eu tenho [da minha infância] é relacionada à leitura.

Meu pai costumava ler. Ainda, até hoje, ele lê, sabe? Ele gosta de estudar, tipo nos feriados [nas folgas]. Minha mãe, ela lia mais, assim, livros... religiosos. E um livro de autoajuda aqui e ali, sabe? Ela não lia tanto quanto meu pai.

[...]

Eu gostava muito assim de saga, sabe, infantojuvenis. Tipo: Jogos Vorazes, Harry Potter, Percy Jackson, essas coisas assim. Eu lia, consumia muito disso. Muito, muito mesmo. Tanto livro físico como, sei lá, baixava PDF pra

<sup>4</sup> Em respeito às suas identidades de gênero, empregaremos termos da linguagem inclusiva para nos referirmos às pessoas entrevistadas que se identificam como não-binárias.

ler, sabe? Foi uma coisa assim que preencheu muito minha adolescência. (Amara).

Ouçamos finalmente Koda, que tem 32 anos e se reconhece como pessoa não-binária. Koda é graduade em Bioquímica e cursa doutorado em Psicobiologia. Koda revela que para se afastar de um ambiente de violência doméstica, no qual seu pai tinha um comportamento abusivo em relação à sua mãe, ela buscava refúgio na casa dos amigos. Foi então que, certa feita, encontrou na casa de um amigo de infância livros que fizeram surgir seu interesse pela leitura:

### **Fragmento 03**

Eu não podia levar os meus amigos pra casa. Então eu ia muito pra casa dos meus amigos, né? Então, passava muito tempo fora mesmo quando... Claro que, tipo assim, tem divisões [de idade talvez], né, quando eu comecei a perceber essas coisas [as relações abusivas do pai] ou quando essas coisas começaram a se intensificar. Porque, na verdade, eu acho que sempre foi muito intenso, porque minha mãe relata, tipo, abusos violentos assim quando ela tava grávida. Então quando eu comecei a perceber esse ambiente [violento em casa], me dá conta assim, eu acho que eu fiz isso: comecei a passar muito tempo fora de casa, comecei... Agora pode ser um pouco clichê porque é uma entrevista com coisa relacionada à biblioteca, maaaas eu lembro que eu não gostava de boneco, sabe, assim, de brincar. Eu ia pro meu vizinho, que ficava brincando com aqueles bonecos, e eu ficava: 'Meu Deus! Que coisa chata.' Tipo assim, eu me sentia quase um pouco disfórico, sabe? 'Que coisa chata, você tá brincando disso, num sei o que.' E eu me sentia um pouco esperto, vamos dizer assim, que eu fazia: 'Ah, vou inventar aqui algo pra encerrar essa brincadeira.' Tipo, uma coisa bem assim. [...].

E esse meu amigo tinha um livro da Disney, com vários contos. Foi uma coisa assim que eu realmente gostava muito. [...]. Aí ele tinha muitos... os contos da Disney. Eu gostava muito de Aladdin, Peter Pan, essas coisas assim. Era uma coisa que eu lembro assim que eu não me sentia estranho; com os bonecos eu me sentia estranho. Eu tenho essa clara lembrança assim dessa cena específica que eu narrei pra você: que eu me sentia um pouco estranho, porque eu não gostava daquilo [de brincar de boneco], mas eu gostava muito, tinha muito interesse por esses contos, né, da Disney – um livro bem bonito, que ele [meu vizinho] tinha, bem grande assim. Era uma coisa que eu gostava muito. (Koda).

Nos três casos, os gestos de ler e de dar a ler, como se depreende, se apresentam como acontecimentos dialógicos, como uma questão de encontro com a alteridade, com a diferença, com outros centros de valores. No contexto de Kim, esse outro aparece sob a figura dos pais, que sempre lhe incentivaram a estudar e a ler. Em Amara, o pai especificamente lhe mostrou o valor da leitura. Já em Koda, vemos o amigo de infância assumindo esse papel de iniciador aos livros (Petit, 2009).

Observe que Kim emprega o signo “incentivo” para designar um posicionamento dos pais, no qual se acentua a importância dos estudos, da educação e da leitura enquanto um caminho possível para crescer e ter sucesso na vida (“Meus pais sempre incentivaram muito a gente a ler e a estudar”; “Então, assim, em relação a estudo, sempre foi uma coisa de muito incentivo, eles sempre incentivaram muito”).

Se ponderarmos, pois, que as camadas subalternas foram historicamente submetidas a processos de exclusão educacional, tanto do ponto de vista da negação do acesso à escola<sup>5</sup> quanto do ponto de vista da negação das condições de permanência nesse espaço, poderíamos dizer que, na referida situação discursiva imediata, o signo “incentivo” revela aspectos da luta de classes (Volóchinov, 2018). Ou seja, revela uma visão de mundo das classes mantidas à margem da cultura letrada e da educação formal, na qual o direito de frequentar o espaço escolar e de ter acesso aos bens culturais escritos é valorizado como uma oportunidade de ascensão social e de transformação da própria realidade. Kim internaliza essa visão de mundo que lhe foi transmitida pelos pais; e, em alguma medida, isso gera um impacto em suas práticas de leitura.

De modo semelhante, também percebemos no enunciado de Amara um acento de valorização da leitura e da educação, especialmente a partir da figura paterna (“Eu lembro de várias noites meu pai lendo pra mim, sabe, antes de dormir. E essa primeira memória, assim, que eu tenho [da minha infância] é relacionada à leitura”; “Meu pai

---

<sup>5</sup> Usamos o termo escola num sentido amplo, de modo que se refere a todas as modalidades de educação, desde o ensino básico até o ensino universitário.

costumava ler. Ainda, até hoje, ele lê, sabe? Ele gosta de estudar, tipo nos feriados [nas folgas]”). Aqui, a transmissão afetiva das práticas de leitura no contexto cotidiano da família foi algo que não apenas marcou a infância de Amara, como também a levou a novas experiências de leitura, a experiências que têm lugar sobretudo na chamada cultura juvenil (“Eu gostava muito assim de saga, sabe, infantojuvenis. Tipo: *Jogos Vorazes*, *Harry Potter*, *Percy Jackson*, essas coisas assim. Eu lia, consumia muito disso. Muito, muito mesmo. Tanto livro físico como, sei lá, baixava PDF pra ler, sabe?”).

A respeito das práticas de leituras de sujeitos juvenis na contemporaneidade, Casado Alves e Rojo (2020) argumentam, a partir das concepções de Canclini acerca de coleção e ato de descolecionar, que os gestos e as escolhas desses sujeitos vão muito além dos textos clássicos e impressos. Os jovens de hoje leem também sagas e séries (em formatos impressos e digitais), fanfics e webtoons, de modo que, de acordo com as autoras, suas práticas de leitura acontecem como atos de descolecionar. Isto é: como atos de construção de coleções singulares que se opõem às vozes centrípetas e monologizantes, aos discursos engessados demais, verdadeiros demais, em torno do que se costumou definir de “boa leitura”, ou de “leitura legítima”, ou de “leitura edificante”.

No que diz respeito a Koda, conforme revela seu tom, a leitura é valorada como um lugar de refúgio: ora como uma via de escape de um meio permeado de violência doméstica contra sua mãe; ora como uma alternativa para transgredir as condutas de masculinidade preestabelecidas pela voz da heteronormatividade e do patriarcado. Dado que essa voz age como uma força centrípeta que procura fixar modos de ser masculinos e femininos, então a naturalização da ideia de que bonecos são objetos de brincadeira de meninos, e bonecas, de meninas, funciona em última instância como uma normativa de gênero, a qual, segundo Godoy *et al.* (2021), exerce um poderoso papel na formação dos estereótipos.

Louro (2000) entende que o gênero e a sexualidade são categorias sociais produzidas historicamente a partir de uma pluralidade de discursos que atuam na

sociedade regulando, normatizando e reforçando comportamentos para as formas de existência masculinas e femininas. Nesse sentido, se é na unidade da cultura que as identidades sexuais e de gênero são construídas, essas brincadeiras de bonecos e bonecas, embora pareçam algo ingênuo, muitas vezes reproduzem discursos que associam, por um lado, o modelo de masculinidade à dominação e ao poder e, por outro lado, o modelo de feminilidade ao trabalho doméstico e à submissão ao marido. Ou seja, mobilizam discursos que operam na manutenção da sociedade patriarcal.

Poderíamos dizer, portanto, que o enunciado de Koda, a partir dos signos “disfórico” e “estranho”, traz marcas de um embate discursivo, na medida em que revela um sentimento de inadequação às normas sociais impostas pela voz da heteronormatividade e do patriarcado (“eu me sentia quase um pouco disfórico, sabe? [com as brincadeiras de bonecos]”; “[Com os livros] Era uma coisa que eu lembro assim que eu não me sentia estranho; com os bonecos eu me sentia estranho”).

Até aqui, pudemos observar trajetórias de leitura atravessadas pelas esferas da família, da cultura juvenil e ainda por discursos normativos de gênero. A seguir, pontuaremos especificamente como os sujeitos organizam seus enunciados em relação ao papel da leitura na construção de suas identidades. Vamos começar trazendo um fragmento do diálogo que tivemos com Kim. Logo no começo do diálogo, Kim lembra que foi a partir do contato com o livro *Extraordinário*, de R. J. Palácio, que sua relação com a leitura se transformou:

#### **Fragmento 04**

Eu gostava muito de ler gibi quando era criança. Uma coisa que eu comecei a ler foi pelos gibis, só que eu não tinha muito o hábito de leitura. Eu comecei a ler [outras obras] eu acho que em 2014, mais ou menos assim, 2013, 2014, porque eu li um livro chamado *Extraordinário*, e eu achei o livro incrível. (Kim).

Mas o fragmento que gostaríamos de apresentar é este no qual Kim associa a época em que seu interesse pela leitura se aprofundou ao processo de descoberta de si enquanto pessoa LGBTQIAPN+:

**Fragmento 05**

Kim: Então, eu cresci numa casa, [onde morava] eu, meu pai, minha mãe e minha irmã. E a gente era a típica família tradicional brasileira: a gente era crente, a gente era, sabe, tipo, todo mundo bem regradinho. E aí eu acho que eu nunca fui muito próximo dos meus pais; mas a gente nunca teve um atrito muito grande, sabe? E eu acho que a gente começou a se distanciar mais quando meus pais separaram. Aí meus pais separaram. Minha mãe sempre foi muito mais próxima da minha irmã, e eu sempre fui mais próxima do meu pai. E aí, quando eles se separaram, eu meio que fiquei sozinha. Mas eu acho que depois que eu me descobri LGBT e que eu saí da igreja, foi mais difícil ainda, porque a minha mãe não sabia lidar. Ela não sabia o que ela podia fazer; ela queria meio que me curar de tudo, sabe?

Pesquisador: Isso foi mais ou menos em que época?

Kim: Foi em 2013. Foi por aí, pela época que eu comecei a ler. E aí, hoje, a gente [eu e minha mãe] tem uma relação muito melhor. A minha mãe entendeu que as pessoas nascem do jeito que elas são, e que não tem o que ela fazer [para mudar isso]. E ela também se culpava muito; ela ficava dizendo que eu era assim por causa que ela se separou do meu pai, se meu pai tivesse em casa não ia acontecer isso. E a gente sabe que não é verdade.

Por seu turno, Koda julga que o RPG lhe trouxe de forma mais decidida para o mundo da leitura:

**Fragmento 06**

Porque os contos que eu tive contato lá quando era muito criança eram contos, e que eu achei que foi incrível, mas, ao longo da minha vida, eu perdi o contato, e ficou mais só coisa de ver em filmes, né? Aí foi com o RPG que essa leitura entra de novo [na minha vida], e me... e me dá ferramentas assim pra enfrentar o dia a dia [...], e me encontrei com o RPG e a leitura. (Koda).

Esse contato intenso com o RPG e a leitura possibilitou que Koda internalizasse uma postura axiológica de base criativa que lhe ajudou a tomar consciência e a dar sentido à sua condição de pessoa LGBTQIAPN+:

**Fragmento 07**

Pesquisador: Mas quando começou a despertar isso em você, onde é que você procurou informação? Teve alguém que te ajudou com relação a isso?

**Koda:** Não. Acho que só quando... Eu acho que eu não procurei [informação], mas eu acho que o ato de criar e me dispor numa postura muito criativa, me colocava numa postura muito... de, tipo, de uma possibilidade de isso ser muito legal; tipo assim, de ser normal.

**Pesquisador:** Hum-hum.

**Koda:** Então, é tanto que eu acho que eu tive muita facilidade, assim [de lidar com essa situação]: eu não tive rejeição comigo mesmo. E nunca pegou, assim, quando eu via pessoas [inaudível], ou pessoas... tentando não ser, sei lá, não ser homossexual. Talvez essa postura criativa minha, me fez com que eu aceitasse muuuuito [a minha maneira de ser e existir, a minha identidade de gênero e a minha orientação sexual]... Eu brincava assim, quando eu ainda tava em dúvida, eu já brincava assim com a incorporação do... do homossexual mesmo. Assim, tipo, de brincar... de comunicar através de brincadeiras pra os meus amigos hooomens. [...]. Eu acho que essa postura de, tipo, de sempre ter coisas [novas]. Por exemplo, se eu tinha possibilidade de criar coisas novas; então, [se isso que estava a me acontecer era] algo novo, não tinha porque necessariamente rejeitar. E também porque eu nunca fui muito... conservador também, [o conservadorismo] nunca me pegou – não sei precisar para mim por quê; talvez também por [causa de] uma postura criativa, coisas conservadoras não pegavam.

Que fique claro, porém, que não é apenas a linguagem verbal impressa, ou melhor, a modalidade de leitura em papel, a única capaz de nos tocar, de nos fazer sentir, de nos fazer pensar, e assim nos formar ou nos transformar. Também as fontes digitais de leitura, as linguagens verbivocovisuais<sup>6</sup>, podem nos ajudar a elaborar sentidos sobre o que sentimos, sobre o que pensamos, sobre o que queremos, sobre quem somos, conforme avalia Amara, ao falar do papel das redes sociais na construção de sua identidade de gênero:

### Fragmento 08

**Pesquisador:** E você acha que de alguma forma, assim, a leitura te ajudou nesse processo de descoberta de si?

**Amara:** Com certeza, com certeza. Eu passava muito tempo da minha

<sup>6</sup> Essa concepção foi abordada por Paula e Luciano (2020) no sentido de caracterizar enunciados que articulam num mesmo plano de discurso a perspectiva tridimensional da linguagem, ou seja, as modalidades escrita, oral e visual, que é muito presente nos conteúdos das redes sociais.

adolescência em rede social, em fórum, no Twitter, e conseguia muito conteúdo. Eu sempre buscava, no YouTube mesmo também, buscava conteúdos de pessoas trans ou que falasse sobre. Então, tipo assim, eu ia nessas fontes de informação buscar essas coisas. E com certeza, tipo, [todas essas leituras] abriram um horizonte pra mim. Porque, tipo, antes eu não via a possibilidade, tipo, de eu poder transicionar, entendeu? Eu pensava: 'Nossa! Eu vou ter que viver sempre desse jeito (esperando-se que eu viva)?' E aí eu fui vendo que tinha possibilidades; então, com certeza [a leitura me ajudou a ser quem eu sou].

Temos, então, três valorações que evocam as contribuições da leitura, enquanto prática dialógica a possibilitar o encontro com outras vozes, com outros horizontes ideológicos, com outras perspectivas sociais, na construção de sentidos sobre o corpo – não sobre qualquer corpo, mas sobre o próprio corpo, sobre a própria maneira de vivenciar seu corpo. E de experienciar seu corpo. E de agir no mundo com seu corpo. Para nossos três sujeitos, a imagem do corpo é ressignificada, reinventada e reacentuada na medida em que suas maneiras de ser se chocam com os valores hegemônicos de gênero, isto é, com os valores centrados na imposição da lógica binária e heterossexual.

Depreende-se do tom de Kim que a leitura de certa forma lhe ofereceu as contrapalavras (Volóchinov, 2018), as palavras de discordância e de resistência para ir de encontro com, digamos, a voz da moralidade cristã fundamentalista, a qual, por meio do discurso do pecado e da condenação, um tipo de discurso ideológico autoritário que “exige de nossa parte um reconhecimento incondicional” (Bakhtin, 2015, p. 137), atua historicamente no controle dos corpos e na centralização dos comportamentos das pessoas.

Segundo Silva *et al.* (2023), as instituições religiosas ortodoxas se utilizam das ideias de inferno, sofrimento e purgação para naturalizar a rejeição e a exclusão das comunidades LGBTQIAPN+. Ou seja, é mediante o medo e a ameaça de castigo que a voz da moralidade cristã fundamentalista impõe seu autoritarismo moral. Ao instaurar no imaginário popular uma concepção ideológica de punição para os corpos

que destoam da lógica binária e heterossexual, essa voz determina como as pessoas devem vivenciar seu corpo, sua sexualidade e seu gênero, de modo a preservar a manutenção do domínio do patriarcado.

Poderíamos dizer que na medida em que age no sentido das forças centrípetas da língua (Bakhtin, 2015), isto é, definindo os modos “corretos” de experienciar a sexualidade e os papéis de gênero, assim como de constituir a família, a voz da moralidade cristã fundamentalista promove a segregação e o preconceito. Aliás, Louro (2000) argumenta que todas as pessoas que fogem à norma do homem branco, heterossexual, de classe média e cristão são marcadas como “outros” inferiores, subalternos e, portanto, passíveis de discriminação social.

Quando, então, Kim avalia que “a gente era a típica família tradicional brasileira: a gente era crente, a gente era, sabe, tipo, todo mundo bem regradinho” e que “depois que eu me descobri LGBT e que eu saí da igreja, foi mais difícil ainda, porque a minha mãe não sabia lidar”, seu enunciado polemiza de forma velada com a voz da moralidade cristã fundamentalista. Perceba que não é à toa que Kim faz soar próximo os signos “descobri” e “saí”, sendo o primeiro empregado para indicar a afirmação de si enquanto pessoa LGBTQIAPN+, e o segundo, o ato de distanciamento da igreja, que, como abordamos, é uma instituição que, historicamente, tem mobilizado discursos repressores em relação aos grupos que não se enquadram em seus padrões normativos. Ao mesmo tempo em que busca se afastar dos valores cristãos fundamentalistas reproduzidos em casa pela “família tradicional brasileira”, negando uma identidade alinhada aos grupos religiosos conservadores, Kim acentua seu pertencimento à comunidade LGBTQIAPN+.

O fato de Kim trazer, na forma de discurso indireto, a reação responsiva negativa de sua mãe diante do ato de assunção de sua identidade de gênero (“Ela não sabia o que ela podia fazer; ela queria meio que me curar de tudo, sabe?”; “E ela também se culpava muito; ela ficava dizendo que eu era assim por causa que ela se separou do meu pai, se meu pai tivesse em casa não ia acontecer isso”) reforça sua

rejeição aos posicionamentos religiosos reguladores. No contexto valorativo de sua mãe, como demonstram os signos “curar” e “se culpava”, a identidade LGBTQIAPN+ é refratada como algo que pode ser corrigido e curado: concretamente, um desvio de conduta desencadeado por uma fissura do modelo familiar tradicional (a separação dos pais) – posição contra a qual Kim expressa sua discordância (“E a gente sabe que não é verdade”).

Mas o que nos interessa nomear aqui não é nem tanto esse posicionamento ideológico que desafia a visão hegemônica em torno da família, da sexualidade e dos papéis conservadores de gênero, esse posicionamento que transgride os padrões normativos impostos, senão a forma como esse posicionamento de Kim foi sendo constituído. O importante é compreender que a leitura teve sua parcela de responsabilidade na construção desse posicionamento identitário, como se depreende da afirmação de que esse processo de autoaceitação coincide com o início de seu percurso leitor (“Foi em 2013. Foi por aí, pela época que eu comecei a ler”).

Seguindo agora pelo enunciado de Koda, poderíamos dizer que a leitura lhe forneceu os meios para a construção de uma postura discursiva de base criativa, o que, de acordo com seu contexto valorativo, lhe ajudou na afirmação de sua identidade de gênero e de sua orientação sexual (“eu acho que o ato de criar e me dispor numa postura muito criativa, me colocava numa postura muito... de, tipo, de uma possibilidade de isso ser muito legal; tipo assim, de ser normal”; “Talvez essa postura criativa minha, me fez com que eu aceitasse muuuuito”; “se eu tinha possibilidade de criar coisas novas; então, [se isso que estava a me acontecer era] algo novo, não tinha porque necessariamente rejeitar”).

Mediante essa valoração de que a postura criativa lhe possibilitou experimentar, de maneira relativamente segura, posições de sujeito destoantes da normatividade hegemônica, Koda responde e se antecipa aos discursos conservadores que naturalizam as identidades binárias e heterossexuais e as articulam ao padrão “normal” (Louro, 2000). Portanto, seu enunciado se direciona não apenas ao seu

interlocutor imediato, o pesquisador, mas também a um destinatário presumido, o terceiro, diria Bakhtin (2016), a saber, a voz das normas sociais conservadoras, em relação à qual, como se nota pelo tom de negação, de distanciamento, instaurado principalmente por meio do signo “não”, ele convoca um posicionamento contrapontístico, colocando na arena de disputa as concepções de gênero e sexualidade (“talvez também por [causa de] uma postura criativa, coisas conservadoras não pegavam”).

Poderíamos dizer que o enunciado de Koda está alinhado a um campo discursivo que defende o gênero como uma performance (Butler, 2018). Para Butler (2018), a performatividade de gênero refere-se aos diversos modos pelos quais os sujeitos e seus corpos agem repetidamente e produzem sentidos ideológico-culturais. Na visão da autora, o gênero só é uma construção performática porque requer repetição de atos. Daí que, por um lado, a repetição performática mantém a estrutura binária e heterossexual, na medida em que produz e reproduz modelos ideais de homem e de mulher, e, por outro lado, abre espaço para que outras identidades de gênero se tornem visíveis, ao possibilitar que vários atos e estilos de corpos revelem-se como gostariam de ser vistos de fato.

Assim, na passagem “Eu brincava assim, quando eu ainda tava em dúvida, eu já brincava assim com a incorporação do... do homossexual mesmo. Assim, tipo, de brincar... de comunicar através de brincadeiras pra os meus amigos hooomens”, o ato de brincar evidencia uma experiência de construção de sentidos do gênero, refrata uma maneira performática de ser com a qual Koda já buscava se identificar. Repare que, na pausa da primeira oração desse trecho, Koda lança uma mirada para a voz das normas sociais conservadoras, e, logo depois, a ataca polemicamente, acentuando de forma positiva o signo “homossexual”, de modo a manifestar sutilmente sua crítica à lógica binária e heterossexual de gênero e sexo. Na sequência, ao dar uma entonação de zombaria ao signo “hooomens”, Koda reforça essa polêmica e, com isso, deixa claro que não era nesse grupo social que ele procurava um lugar de pertença.

Em Amara, finalmente, a leitura, sobretudo a modalidade digital, é valorada como lugar de abertura de um horizonte de possibilidades, uma vez que viabiliza uma perspectiva de ressignificação do próprio corpo: o transicionamento (“E com certeza, tipo, [todas essas leituras] abriram um horizonte pra mim”). Cabe mencionar aqui que, no contexto dela, a concepção de leitura vai além da leitura de textos culturalmente valorizados, englobando também as práticas contemporâneas cotidianas que potencializam a dimensão verbivocovisual da linguagem (Paula; Luciano, 2020), como o acesso às redes sociais (“Eu passava muito tempo da minha adolescência em rede social, em fórum, no Twitter, e conseguia muito conteúdo. Eu sempre buscava, no YouTube mesmo também, buscava conteúdos de pessoas trans ou que falasse sobre”). Tal representação ideológica é responsiva à ideia reducionista de leitura, que não considera a realidade histórica dos sujeitos, de modo a legitimar apenas os gestos de leitura que se assentam no cânone e nos discursos centrípetos, monologizantes, em torno do que se convencionou chamar de “boa leitura” (Casado Alves; Rojo, 2020).

Mas o que gostaríamos de destacar do enunciado de Amara é que neste trecho – “Porque, tipo, antes eu não via a possibilidade, tipo, de eu poder transicionar, entendeu? Eu pensava: ‘Nossa! Eu vou ter que viver sempre desse jeito (esperando-se que eu viva)?’” – ela traz à luz um discurso interior cujo tom expressa um estado de sofrimento ante a ideia de ter que vivenciar, durante toda a vida, uma posição social pautada na matriz binária e cisgênero, uma posição que não corresponde à sua maneira de se enxergar no mundo, de se dizer no mundo, de ser no mundo. Tal esquema de pensamento que leva Amara a internalizar, provisoriamente, esse discurso no qual o direito à transição de gênero se mostra como algo impossível, inviável e impraticável, decorre da ausência de contato com vozes que afirmam e reconhecem como legítimos os modos de existência trans.

Depois, Amara prossegue: “E aí eu fui vendo que tinha possibilidades; então, com certeza [a leitura me ajudou a ser quem eu sou]”. E aqui seu tom revela que foi nas práticas digitais de leitura, ou melhor, que foi na sua relação com as práticas

digitais de leitura, ou, mais precisamente, na sua relação com outras vozes, com outros discursos, com outros pensamentos a partir das práticas digitais de leitura, que ela encontrou possibilidade de dar um sentido diferente a esse horizonte restrito. Foi na interação com enunciados verbivocovisuais que ela encontrou meios para transformar e alargar essa forma estreita de pensar, de sentir e de agir.

Ora, se a leitura, desde o ponto de vista da teoria bakhtiniana, é uma prática que consiste em ouvir discursos, em compreender discursos, em interpretar discursos, em responder a discursos, então ela é sempre uma experiência ideológica. Uma experiência na qual está em jogo aquilo que pensamos, aquilo que sentimos, aquilo que desejamos, aquilo que nos constitui enquanto sujeitos de linguagem, ou seja, nossas subjetividades e nossas posições no mundo. É isso o que Amara sugere, ao avaliar que a leitura, especificamente em sua modalidade verbivocovisual, lhe ajudou a afirmar outro modo de existência, uma existência à revelia dos discursos normativos de gênero.

Portanto, como temos visto até aqui, nos três casos, as identidades dos sujeitos se constroem numa tensa luta dialógica. De um lado, há a influência das forças centrípetas sobre seus corpos, as quais buscam uma padronização dos comportamentos e das maneiras vivenciar o corpo, o gênero e a sexualidade; de outro lado, mediante o encontro com outras vozes, com outras visões, com outras palavras, proporcionado pela leitura, as posições dominantes sobre o corpo, o gênero e a sexualidade são imbuídas de novos sentidos, são coladas em contraposição com outras possibilidades de ser.

## 5 A coda, ou, o acabamento com tom aberto

Esperamos ter evidenciado neste artigo o papel da leitura na produção de sentidos sobre o corpo. Claro está que o nosso intuito aqui não foi produzir premissas generalizantes ou verdades universais a partir de certa unidade amostral, e sim evidenciar valorações que os sujeitos atribuem à leitura em determinados momentos

de sua existência como evento singular e vivo. Assim, a despeito da limitação do nosso recorte, ou melhor, a despeito de termos construído nossas argumentações com base nos discursos de apenas três estudantes de uma mesma instituição de ensino, consideramos que as ponderações aqui tecidas nos ajudaram a compreender como eles se valem dessa prática dialógica para subverter os papéis hegemônicos socialmente preestabelecidos para seus corpos, de modo a abrir caminho para a expansão de suas possibilidades de ser no mundo, de posicionar-se no mundo, de agir responsiva e responsávelmente no mundo.

Os fragmentos discursivos que problematizamos nos permitiu observar que, em todos os sujeitos, a leitura fez ecoar relações de alteridade. E por isso mesmo, porque trouxe à tona o contato com outras vozes, com outros discursos, com outros pensamentos, com outras ideologias, ela desempenhou um papel categórico na formação e na transformação de suas próprias palavras (os dizeres pelos quais eles constroem sentidos para seus corpos), de suas próprias entonações (o tom pelo qual eles elaboram valorações para seus corpos), de suas próprias identidades de gênero (o modo como eles mobilizam performances enunciativo-corporais para expressar quem são).

Isso não significa dizer, entretanto, que a leitura seja a única via capaz de nos levar a uma compreensão mais aberta e menos monologizante acerca de nós mesmos, do outro e do mundo. Mas o fato é que quando abrimos um livro e nos permitimos ser guiados e tocados pela voz do outro que dali nos chega, pelo dizer do outro que dali nos alcança, algo sempre nos acontece. Alguma coisa daquilo que pensamos, daquilo que sentimos, daquilo que desejamos se altera – bem, pelo menos foi isso que as análises das trajetórias de leitura dos sujeitos nos revelaram.

Do exposto, gostaríamos de salientar, finalmente, que os enunciados a respeito dos percursos de leitura dos sujeitos constituem uma fonte de investigação essencial para compreender processos de construção de posicionamentos ideológico-identitários, na medida em que revelam pensamentos, sentimentos, valorações e

tomadas de posição que vão se formando e se transformando ao sabor de sua historicidade e de suas práticas leitoras. Aliás, seguindo a mesma direção desta pesquisa, temos um leque de possibilidades de trabalhos futuros, com outros enfoques. Uma sugestão seria investigar a influência de vozes sociais outras – como, por exemplo, pensando propriamente no contexto acadêmico, o discurso científico – sobre a formação de leitores críticos e indagadores. Poder-se-ia ainda buscar compreender o papel que os diversos espaços de leitura exercem na construção dos posicionamentos dos sujeitos e no deslocamento de suas trajetórias de vida, como fez Pereira (2025), dando destaque às bibliotecas, ou Silva (2024), realçando os clubes de leitura.

Portanto, se advogamos que a leitura não é um meio de lazer trivial e passivo, mas um acontecimento dialógico e responsivo é porque ela soa a encontro com a diferença; ela soa a reflexividade, a abalo de nossas convicções, a estremecimento de nossas vontades e de nossos saberes. E por isso ela se faz necessária, porque nos ajuda a pensar e a dar sentidos a quem somos – porque nos ajuda a desenhar nossas identidades.

## Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 6, n.1, p. 268-280, ago./dez. 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S2176-45732011000200016>

CASADO ALVES, M. da P. O enunciado concreto como unidade de análise: a perspectiva metodológica bakhtiniana. In: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João, 2016. Cap. 7.

CASADO ALVES, M. da P.; ROJO, R. H. F. Comunidades de leitores: cultura juvenil e os atos de descolecionar. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 145-162, abr./jun. 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/2176-457343116>

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

GODOY, N. B. K.; MOURÃO, L.; OLIVEIRA, A. L.; CHAVES, B. Construção das identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeiras. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, 2021. DOI <https://doi.org/10.5216/rpp.v24.64935>

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>

MOITA LOPES, L. P. da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. da. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 13-24.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. **Intergrupos: estudos bakhtinianos**, [s. l.], v. 8, n. 3. set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>.

PEREIRA, I. S. **Em meio a um mar de vozes sociais**: o papel das bibliotecas e das práticas dialógicas de leitura na formação das identidades de jovens universitários. 2025. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. Cap. 6.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 78, 2007. DOI <https://doi.org/10.4000/rccs.753>

SILVA, P. E. F. da; SOUZA, M. S. de; CASADO ALVES, M. da P.; COSTA J. D. da. Entre o sagrado e o profano na passarela da carnavalização: uma análise dialógica de Rupaul's Drag Race. **Entretextos**, Londrina, v. 23, n. 4, p. 176-199, 2023. DOI <https://doi.org/10.5433/1519-5392.2023v23n4p176-199>

SILVA, J. dos S. **Um farol no meio do sertão**: literatura fânone e clubes de leitura do IFRN como articuladores de tecituras polifônicas. 2024. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/59754>.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Alteridade, subjetividade, identidade e variantes enunciativas: explorações especulativas. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, p. 13-44, 2018. DOI <https://doi.org/10.15210/rle.v21i0.15115>

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.